

**Associação Italiana Centros Culturais**  
**Apontamentos da Assembleia com**  
**Julián Carrón**  
**Instituto Sacro Cuore – Milão**  
**4 de dezembro de 2010**

**Marco Bona Castellotti:** Obrigado por terem vindo com tanta pontualidade e expectativa a este encontro que é o segundo em 2010. Agradeço também a Padre Julián Carrón por ser tão fiel à assembleia dos centros culturais. Vocês receberam – os sócios e os não-sócios – o tema sobre o qual somos convidados a refletir, um trecho do discurso do Santo Padre aos participantes da 24ª assembleia plenária do Pontifício Conselho para os Leigos, no dia 21 de maio de 2010. O trecho está um pouco perto do fim, como me parece lógico que esteja porque é um ponto alto do discurso, mas que pode ser extraído do conjunto muito bem, pois tem uma forte autonomia, mas, evidentemente, deve ser contextualizado para ser entendido porque, não obstante seu caráter bastante imediato, não é muito fácil ir ao fundo do que se diz: “A contribuição dos cristãos é decisiva apenas se a inteligência da fé se torna inteligência da realidade”. Repito, parece-me que seja uma forma lapidar, ainda que faça parte de um contexto tem uma enérgica independência. Chegaram muitas contribuições de diversos centros culturais.

Eu diria que se poderia partir de algumas perguntas que vieram à tona. Começo pela minha. É uma pergunta tripla sobre o texto do Papa. Antes de tudo, me impressionou. Não me lembro, nos discursos do Papa, desde quando Bento XVI está no trono pontifício, de ter visto a presença da palavra inteligências duas vezes na mesma frase e me pergunto se tenha sido casual. Segundo. Perguntaria a Carrón – sei que já falou várias vezes, especialmente durante a Escola de Comunidade, sobre esta frase que escolheu e que, portanto, parece tê-lo tocado em primeira pessoa – qual é o significado mais profundo da inteligência da fé. Impressiona-me muito, é muito importante este chamado de atenção, falar de inteligência da fé, é muito bonito, mesmo do ponto de vista – terceiro ponto – de suas implicações na cultura. Portanto, qual a relação entre inteligência da fé e cultura, ou seja, inteligência cultural? Impressionou-me muito porque parece que entre em jogo, certamente, não pela primeira vez, mas com particular evidência, o conceito de um chamado de atenção a uma inteligência das coisas.

**Julián Carrón:** Bom dia a todos. Acredito que esta insistência do Papa está em consonância com toda a – digamos assim – “batalha” que vem enfrentando em quase todos os seus discursos de alcance cultural (pensemos em Regensburg, na *Sapienza* e em outros), onde é tornada tema a questão do conhecimento, a questão da razão. Nisso, antes de tudo, sentimos uma consonância muito profunda com a educação que Dom Giussani nos deu, com a insistência de Dom Giussani acerca do conhecimento. Por quê? Porque a relação entre razão e fé depende da forma como entendemos a razão, e portanto depende também da definição de fé. E ficou no imaginário coletivo do movimento a primeira aula de Dom Giussani no liceu Berchet, que foi exatamente sobre isto; desde o primeiro momento em que quis se colocar na realidade,

teve que enfrentar esta questão. Por isto, penso que, pela nossa educação – não porque sejamos melhores, mas por aquilo que Dom Giussani nos deu –, mais do que os outros, podemos compreender o alcance daquilo que o Papa nos disse. E aqui trago um testemunho pessoal meu: o que eu teria feito com a frase “alagar a razão”? Se não tivesse encontrado o movimento, se eu não fosse um padre como era, eu teria repetido esta frase devotamente, como um *slogan*, só porque o Papa a disse. O meu ponto de partida teria sido estar de acordo com a frase porque o Papa a disse, mas não saberia que posição deveria edificar sobre aquela frase, eu a teria repetido sem entrar no mérito da questão. Pelo contrário, qual foi contragolpe de uma frase como essa? Foi o mesmo da frase que você citava antes, aquela sobre a inteligência, quando, depois de tê-la ouvido na audiência que o Papa nos havia concedido no encontro do Pontifício Conselho para os Leigos, pedi a palavra somente para dizer que aquela era a frase mais decisiva, e que deveria se tornar o tema central dos nossos trabalhos. Por que ela me tocou? Exatamente por esta educação de Dom Giussani que – particularmente do início do fim dos dois últimos grandes Exercícios Espirituais que ele pregou (sobre “Deus tudo em tudo” e “Cristo tudo em todos”), todos sobre a questão do conhecimento – nos encorajou constantemente a estarmos no mundo com dignidade cultural. Podemos construir um grupo de boas pessoas (por caridade!), mas no fundo sem nenhuma incidência do ponto de vista cultural.

Por isto, o tema da inteligência é uma das grandes questões decisivas do nosso tempo, exatamente porque, com o conceito de inteligência e de razão como medida do real, que se difundiu e que venceu culturalmente, a fé é relegada ao mundo do virtual, do imaginário, que não diz respeito com o conhecimento verdadeiro. Se não nos dermos conta disso, a nossa fé e a nossa confissão de Jesus estará sempre presa a uma inteligência reduzida, a um modo de nos relacionarmos com o real reduzido, e não conseguiremos sair da fratura entre saber e crer. Por isso, não se trata de uma questão decisiva para os centros culturais (isto é uma consequência), mas para o homem! E não digo para o homem cristão, para o homem! O homem é capaz de sair da prisão dos próprios pressupostos ou, do contrário, fica agarrado ali e é incapaz de seguir para além daquilo que definiu antecipadamente? Ou seja, se eu coloco uma medida, e tudo o que não entra nessa medida não existe, se vence esta postura, somos nós que definimos o real, não há a possibilidade do imprevisto, porque tudo o que acontecer será remetido ao mundo do imaginário. E isto não diz respeito apenas a nós cristãos que temos que defender a nossa fé, mas diz respeito a todo homem, a cada homem. Podemos alcançar o real verdadeiro ou apenas o fenômeno? Caso contrário, quanto mais alcançarmos o fenômeno, tanto mais o real se afastará desconhecido e, por isso, inevitavelmente, permaneceremos na ideologia e não poderemos sair dela.

Se não compreendermos o alcance cultural desta questão, será difícil nos darmos conta de qual é o desafio que temos diante de nós. E nós, fazendo os centros culturais, podemos repropor um conceito de inteligência e de cultura que é como o de todos, e por isso inútil, substancialmente inútil para resolver a questão que diz respeito a todos. Então: quem começou a vencer esta medida sufocante? Este é o alcance cultural – que não entendemos – do episódio evangélico de João e André, porque o encontro de João e André diz como, em certo momento, exatamente pelo contragolpe da correspondência que aquela Pessoa

gerava neles, a prisão do preconceito não conseguiu vencer a afeição, e permitiu à razão atingir toda a sua amplitude. Eis a fé, eis a libertação da prisão, eis a capacidade da inteligência, eis a verdadeira natureza – finalmente revelada a nós mesmos – da inteligência e da razão! Sem que aconteça isto, estamos na prisão, querendo ou não; não é um problema de boa vontade, porque a sua boa vontade, a sua intenção, não consegue libertá-lo, é absolutamente incapaz, insuficiente para fazer com que você saia da prisão. Por isto, o tema no ano passado foi o conhecimento como um acontecimento, porque se este acontecimento que nos escancara a razão não acontece, a medida vence, vence!

Então, o evento do encontro – repeti, tantas vezes, que temos dificuldade para entender o alcance cognoscitivo do encontro –, não apenas nos faz conhecer mais uma parte do real, mas nos permite conhecer para além de nossa prisão, porque para poder conhecer algo a mais é preciso que a nossa capacidade cognoscitiva seja alargada: se há algo mais para ser conhecido e eu não arrisco alargar a razão para conhecê-lo, é como se não o pudesse conhecer. Num recente encontro dos *Memores Domini*, uma pessoa me contou ter feito uma pergunta a Dom Giussani: “Mas, como o conhecimento é um acontecimento? Há trinta anos que estou no Grupo Adulto tentando aprender, e se este meu conhecimento me impede de conhecer como acontecimento, visto ser um já-sabido, então o que estamos fazendo aqui?”. E Giussani lhe respondeu: “Você tem toda razão; a menos que aquilo que lhe foi dado não lhe seja dado outra vez por alguém presente”. Pela primeira vez eu entendi que da mesma história do povo de Israel podem emergir dois tipos humanos.

O que é a história do povo de Israel? A primeira tentativa educativa de Deus. E por que foi a primeira tentativa educativa? Porque foi a primeira luta contra a idolatria, que é a prisão, o já-sabido: assim como, inevitavelmente, preciso afirmar algo para viver, e assim como o Mistério é desconhecido, então eu digo: “Este é o significado”, identificando-o com um detalhe que eu escolho. O Mistério interveio na história exatamente para começar a lutar contra esta idolatria. Como? Através de um acontecimento, através de uma história: “Vocês não precisam sucumbir a esta idolatria, basta que Me aceitem, aquilo que vocês veem acontecendo diante de seus olhos”. Mas, desta história emergiram dois tipos humanos. Um – podemos dizer assim – são os doutores da lei, aqueles que, num certo momento, exatamente por causa da paixão por aquela história, pelo desejo de aprender aquela história, pensaram que poderiam aprender a posse da lei. E em nome dessa posse recusaram o Acontecimento presente; pensando tê-lo entendido, justificaram o seu fechamento: “Mas, este não pode ser Deus, se cura aos sábados”. Entendem? Dizer “não existe” é a vitória da ideologia, da posse da ideologia, que me impede de gozar do Acontecimento. Pensem nos doutores da lei diante de Zaqueu que recebe Jesus contente: ficam ali criticando que Ele entre na casa de um pecador. Vê-se toda a raiva por aquele fato que os impede de aproveitarem o Acontecimento presente. A figura oposta é a de Nossa Senhora, representante dos *anawin* (em hebraico: os pobres de Deus), ou seja, dos simples de coração. Era o objetivo da história de Deus gerar um coração simples, porque Ele era o Senhor da história e pretendia continuar a se tornar presente na história. A única questão decisiva era se educar ao Acontecimento. E quem aproveitou da Sua presença quando chegou? Os pobres. Por isto, Jesus disse: “Bem-aventurados os pobres”, não porque “é preciso ser...”,

mas porque “são aqueles que poderão começar a participar do reino de Deus”. Os outros ficam de fora, não porque sejam incoerentes – porque os publicanos e as prostitutas são, eles também, incoerentes –, mas porque negam a “fissura” por onde entra a graça.

Acontece o mesmo com o carisma: da história do carisma podem emergir os doutores da lei ou os pobres. Da mesma história: aqueles que pensam possuir o carisma porque sabem o discurso (e o usam contra o conteúdo mesmo do discurso), ou então aqueles a quem o carisma escancarou ao real e ao acontecimento presente. E cada um testa isso hoje. O teste da história do povo de Israel foi feito quando Jesus chegou: cada um decidiu, teve que se colocar diante dEle. Não estou fazendo um discurso teológico, estou enfatizando o portanto: a nossa história nos introduz a este escancarar-se e, então, à fé, o nosso reconhecimento, a partir da inteligência. Esta inteligência da fé não é um discurso, mas uma abertura total a Ele presente, que nos permite – como àqueles que aceitaram Jesus – uma inteligência da realidade, uma modalidade de se colocar na realidade da qual vimos as consequências históricas e culturais, as novidades; enquanto que aqueles que estavam ali agarrados continuam ainda ali. Eram mais intelectuais, eram os únicos que sabiam escrever e ler, os outros eram “ninguém”. Mas, quem teve mais incidência cultural? E este dado de fato no que muda o conceito de cultura que temos na cabeça? Porque aquilo que me tocava no que o Papa nos disse é que “a nossa contribuição de cristãos será decisiva apenas [apenas!] se a inteligência da fé se tornar inteligência da realidade”. E o que os outros, se não tiveram a possibilidade que tivemos de um encontro, pobrezinhos, podem fazer? Podem viver com aquilo de que fazem experiência. Como podem entender que algo aconteceu? Tendo uma visão? Não, se virem uma inteligência do real em alguém que faz surgir a pergunta: “Mas, de onde esse aí veio?”. Vendo como entramos no real, manipulamos o real, entendemos o real, tratamos o real, poderá surgir nos homens a pergunta: “Mas, quem é este?”. Sem isto, de que importa aos outros aquilo que fazemos no domingo de manhã?

Por isto, se há alguém em quem se poderá ver até que ponto se venceu a fratura entre saber e crer são vocês, no modo como fazem o centro cultural. Vocês podem verificar isso na imitação dos gestos, na escolha das questões a serem enfrentadas, porque nada é neutro. Consigo me fazer entender? Então, não é que seja preciso fazer a Escola de Comunidade no centro cultural – uma Escola de Comunidade basta! –; o centro cultural deve ser um testemunho da inteligência diferente do real. E aqui temos também a contribuição estupenda do Papa, na Espanha; se vocês tiverem lido o editorial de Tracce (o panfleto que nossos amigos espanhóis fizeram), vocês irão entender o quanto é de ajuda, porque começa dizendo: “A beleza é a grande necessidade do homem”, e depois: “Quem ao se veria descrito nesta afirmação? Aqui, se encontra sintetizado tudo aquilo pelo que nos movemos, pelo que trabalhamos e amamos [...]. Bento XVI se apresentou diante de nós mostrando a sua paixão pelo homem real, aquele que ama a razão e a liberdade, que deseja a felicidade e aspira à beleza. E o fez de uma maneira concreta, indicando um lugar de beleza, a Sagrada Família de Gaudì, uma obra que surpreende e fascina milhões de pessoas [milhões de pessoas são atraídas, são desafiadas por esta beleza feita de pedras]. Quem, entrando naquele templo, não se sentiu ferido pela sua beleza mesmo que por um instante? Gaudì, o seu genial arquiteto [de onde

nasceu aquele templo? De um sujeito: Gaudì], abrindo ‘o seu espírito a Deus, foi capaz de criar nesta cidade um espaço de beleza, de fé e de esperança que conduz o homem ao encontro com Aquele que é a verdade e a Beleza mesma’ [a contribuição dos cristãos, porque isto introduz o diálogo]. Além do mais, ‘a beleza é também reveladora de Deus porque, como Ele, a obra bela é pura gratuidade, convida à liberdade, arranca do egoísmo’”. Gaudì realizou uma das tarefas mais importantes: “superar a cisão [a fratura]; entre existência neste mundo temporal e abertura à vida eterna, entre a beleza das coisas e Deus como beleza. Assim, é possível compreender a tarefa que o Papa nos confiou, afirmando que o nosso país [podemos dizer isso em todos os lugares] é o lugar onde se joga esta possibilidade de que ‘fé e laicidade’ se encontrem [ou seja, que a fé, a contribuição da fé, dialogue com o *laos*, com o leigo, com o povo, isto é, com o coração de cada um que se sente desafiado por isto]. Gaudì não realizou esta tarefa ‘com palavras apenas, mas com pedras, linhas, superfícies e vértices’. Aqui, tem início o verdadeiro diálogo com a modernidade a que o Papa nos convida, diante de obras belas que obrigam o homem a se interrogar, que são sinal visível do Deus invisível. Pelo contrário, uma posição ideológica deixa a todos indiferentes, mesmo aqueles que fazem parte do próprio grupo. Não desafia, não interroga a razão, a liberdade do outro. Se os homens que nos encontram não podem ver, tocar esta beleza na nossa humanidade, nas nossas obras [nas nossas atividades culturais], o diálogo seria impossível [seria inútil]”. Aquilo que o Papa disse em Barcelona, colocando diante de todos a Sagrada Família e Gaudì, é um exemplo de cultura, desta vitória sobre a separação entre fé e razão; onde se vê o que quer dizer a inteligência da fé de um Gaudì pela inteligência da realidade do como manipular as pedras. A maioria dos japoneses que vão ver a Sagrada Família não têm fé, e o exemplo mais óbvio é Sotoo, o grande arquiteto que, diante da beleza das pedras, fez um caminho até à fé, e agora é um dos maiores defensores da fé. Eis o diálogo: alguém que chega ali por acaso, para ver a Sagrada Família é desafiado pelo quê, pela fé? Não, pela inteligência da realidade de Gaudì, que se revelou no plasmar as pedras. Sem isto não há diálogo e se não há diálogo o nosso centro cultural é simplesmente um clube para os funcionários. Faça-o quem tem vontade e tempo, mas para nós o que interessa? Este é o desafio para todos nós em toda e qualquer atividade que realizemos, mas que, no centro cultural, adquire uma grande visibilidade.

**Bona Castellotti:** Gianluca, do Centro Cultural de Modena, escreve: “Pessoalmente, vivo um cansaço no fazer as coisas em geral, e particularmente no responder aos compromissos que o centro cultural me solicita. O que pode sustentar a minha iniciativa? Além do mais, se penso em quantas propostas culturais chegam de todos os lados, propostas e fatos – vídeo, áudio, que chegam até nós rapidamente –, encontros muito importantes mesmo muito distanciados no tempo... Então, vale a pena comprometer-se com contextos culturais locais? Não seria melhor promover o trabalho de outros?”. E o mesmo disse, diante de um encontro muito bonito, mas que tinha sido um pouco deserto, sobretudo quem havia faltado eram as pessoas do movimento: “Por que não conseguimos sempre despertar na comunidade uma atenção ao belo? Como podemos fazer?”. Eu paro nesta segunda sobretudo porque está ligada àquilo que acabou de nos dizer sobre o caso de Barcelona.

**Carrón:** Eu fico muito contente com o fato de que um amigo nosso diga que está cansado, porque isto se constitui num teste do nosso centro cultural; porque se não serve para nós, cedo ou tarde nos chatearemos com o centro cultural. E isso já indica a cultura que estamos promovendo: não serve nem mesmo para nós, imaginem se servirá aos outros! E à comunidade então! Entendem? Se fôssemos verdadeiramente leais com as dicas que a realidade da experiência coloca diante de nós, elas bastariam para nos permitir fazer um caminho juntos. Porque este já é o primeiro sinal: se não é para vocês aquilo que vocês fazem, vai servir para os outros? Vocês devem sempre comprometer os outros; e depois vêm reclamar que a comunidade não se interessa pela cultura, mas se fazem assim isto e o sinal da fragilidade da proposta cultural. Para ir ver a Sagrada Família, as pessoas pagam, entendem? E isto faz vir à tona todas as outras interpretações e elimina todas as nossas confusões. O que diz o fato de não conseguirmos despertar o interesse? Se uma pessoa começa a reconhecer o cansaço, começa também a colocar as verdadeiras questões: o que pode me sustentar na iniciativa? Que é aquilo que tentei responder na assembleia da Companhia das Obras (CdO): quem faz uma obra, quem faz uma empresa, quem dá início a um negócio, num certo momento começa a viver o cansaço. O problema é: o que permite recomeçar? Porque esta é a parábola que todos realizamos: começamos entusiasmados, depois decaímos; da mesma forma como a pessoa não pode impedir de acabar na morte simplesmente com o ímpeto com o qual ela nasce do seio da mãe. Acontece com tudo. Então, a questão é o que pode sustentar o eu de cada um de nós nesta parábola. Isso nos interessa muito, porque é decisivo para manter a razão alargada; não é questão apenas de manter o espírito elevado para continuar a ter uma razão para nos empenharmos, mas é de manter aberta a razão. Por isso, me remeto àquilo que Dom Giussani disse. Se dissermos que o conhecimento novo é possível apenas por causa do Acontecimento, a condição para que este conhecimento novo se torne inteligência da realidade é que este evento continue e que eu decida pertencer a este Acontecimento.

O conhecimento novo nasce da adesão a um acontecimento (como João e André), do *affectus* por um acontecimento ao qual estamos ligados, ao qual dizemos sim. Então, o que pode nos manter nisso? “O conhecimento novo implica, por isso, o ser em contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta”. Se não estamos diante de um acontecimento que continuamente nos gera – e isto não pode ser o centro cultural, deve ser o movimento, deve ser a fé –, tudo desmorona. Por isto, qual é a melhor forma de nos introduzirmos ao trabalho de fazer o centro cultural? Viver a vida do movimento, porque sem viver a vida do movimento, nada das iniciativas culturais de vocês me interessará – visto que estamos entre amigos, me permito esta lealdade. Por quê? Porque não serve nem mesmo para nós, serve apenas para o nosso cansaço, e por isso não serve para dar uma contribuição autêntica segundo uma inteligência nova do real. Vocês veem aquilo que dizíamos antes sobre o povo de Israel? Permanecer na posição da origem (esta simplicidade de coração) na qual o Acontecimento faz surgir o conhecimento novo é a única possibilidade de nos relacionarmos com a realidade sem preconceitos. A questão é se nos deixamos gerar. Por isto, gosto de ler uma imagem muito bonita de Péguy que todos conhecemos – mas que agora, para nós, é mais fácil entender o seu alcance: “Quando o

aluno só repete não a mesma ressonância mas uma miserável imitação do pensamento do mestre, quando o aluno é apenas um aluno que possui o discurso do mestre, um aluno que só sabe repetir, ainda que fosse o maior de todos os alunos, nunca gerará nada. Um aluno só começa a criar quando introduz, ele mesmo, uma ressonância nova [ou seja, na medida em que não é mais aluno]; não que não se deva ter um mestre, mas uma pessoa deve descender de outra pelas vias naturais da filiação, não pelas vias escolásticas do discipulado”.

É impressionante o que Péguy diz. Por isso, podemos dar uma contribuição somente na medida em que somos filhos, podemos sustentar uma iniciativa apenas se nós mesmos formos sustentados, se nos deixarmos gerar, porque isto é o que nos consentirá ter a paciência que Dom Giussani teve conosco. O Senhor deu a vocês este interesse como graça na comunidade onde estão. O método de Deus é sempre o mesmo: dá a graça a uma pessoa para chegar a todos, dá a graça a alguns de vocês em cada comunidade para que possa se alargar a todos. Mas isto só poderá se alargar a todos se nós, em primeira pessoa, somos filhos, não alunos; então, poderemos despertar na comunidade uma atenção ao verdadeiro, se comunicarmos esta paixão. Algo de semelhante a Gaudì: podemos arrastar os outros pelo contragolpe da beleza daquilo que acontece (de outra maneira, nem mesmo com um guindaste conseguiremos trazê-los às nossas iniciativas culturais...). Nem mesmo a cultura consegue manter o interesse elevado, como se viu no relatório do CENSIS: o problema mais grave dos italianos é a perda do desejo. É impressionante que se confirme aquilo que nos havíamos dito na assembleia da CdO: exatamente a perda do desejo de tudo! E isto diz respeito a todos os fatores do real, não apenas à Igreja ou aos centros culturais, mas tudo. É o “efeito Chernobyl” – para usar uma imagem conhecida de todos – que nos está afetando. Por isto, se não buscarmos ver qual é a modalidade pela qual aquilo que propomos tem que ver com aquilo que ainda consegue interessar ao homem, ou seja a fé, imaginem se alguém vai se interessar por aquilo que fazemos. É como dissemos por ocasião das eleições: o desinteresse está em crescimento.

Então, a verdadeira questão é o que permite renascer o interesse, o que desperta outra vez o desejo. Se as nossas obras, as nossas iniciativas não tocam esta falta – e depois se vê que não conseguimos recuperar com os nossos discursos –, se não são uma beleza feita carne (o feita pedra, na Sagrada Família), não conseguiremos despertar o interesse de ninguém. Mas não culpem os outros por isso; os outros deverão fazer o seu caminho, mas nós temos que nos perguntar se o fato de que não interessa aos outros a nossa atividade esteja ligado à nossa incapacidade de fazer-nos gerar. Em sempre os outros têm culpa, porque para ver a Sagrada Família, feita na modernidade, fazem fila; mas quantas coisas com esta imponência nascer na modernidade? Esta é uma pergunta sobre os cristãos, é a pergunta de Eliot: “Foi a Igreja que abandonou a humanidade ou foi a humanidade que abandonou a Igreja?”. Eu mantenho viva esta pergunta, que queima, para nós, para o nosso caminho; de outra maneira sempre culparemos a incompreensão dos outros.

**Bona Castellotti:** Retomando aquilo que Padre Julián disse agora sobre a função e a natureza dos centros culturais, Milena, do Centro Cultural Recanati-Loreto, disse: “Esta inteligência da realidade que nasce da

fé me fez descobrir que a cultura é feita ali onde a pessoa foi colocada, e que a estrutura, neste caso o centro cultural, não é o objetivo, mas é apenas o instrumento que, às vezes, me permite fazer com que todos, portanto também nós, vejamos de modo mais claro o que permite gerar uma fé vivida”.

**Carrón:** Absolutamente sim, porque o centro cultural é um instrumento deste testemunho da fé. Por isto, não o improvisamos, não, fazemos o centro cultural na dependência do caminho da fé; a fratura se vence na medida em que fazemos um caminho, uma estrada. O centro cultural, por isto, é um teste para nós. Não digo isso como um puxão de orelhas, não me interessa, sabemos que ninguém é capaz – isto é já sabido; nos interessa aprender. Se eu digo isto é para aprender, como disse Dom Giussani, não é para que isso nos faça ficar ainda mais agarrados, mas para que nos indique um caminho a ser percorrido. Neste sentido é que eu digo que é um teste, não para ser um juízo sobre alguém: que sugestão o real nos oferecer para continuar a caminhar, para poder vencer ainda mais esta fratura? Esta segunda coisa é decisiva para mim. O que faremos no centro cultural, que é um instrumento, é um exemplo da modalidade com a qual vivemos o relacionamento com o real, e nos dirá como estamos ali onde o Mistério nos colocou, nas circunstâncias que temos que enfrentar. Se não fazemos este percurso ali onde estamos, estamos fora do real, não estamos em contato com as necessidades reais, com as questões reais que temos e que as pessoas com quem trabalhamos têm. Então, o que proporemos? Coisas que não interessam a ninguém. Depois, diremos que as pessoas não se interessam; mas é normal que não se interessem! Por isto, eu digo: na medida em que fazemos um percurso humano, sabemos ver onde estão os nós e começamos a nos relacionar com as necessidades de todos; e propomos ao centro cultural exemplos que têm que ver com as necessidades de todos. Vocês verão como começarão a se interessar.

**Bona Castellotti:** Francesco do Centro Cultural de Milão escreve: “Em mim, e portanto naquilo que faço e proponho no centro cultural, sempre está à espreita a tentação de relegar a fé a um argumento, a uma parte da vida, está sempre à espreita a possibilidade de me adequar à mentalidade do mundo, à mentalidade dos intelectuais e dos jornais. Dou-me conta desta redução da fé muito rapidamente, porque emerge em mim como um senso de solidão, porque quando colocamos em ação esta redução o juízo que se expressa nos encontros que fazemos é um juízo pobre, à mercê da subjetividade de todos”. E encerra de forma positiva: “Pela minha experiência, acredito portanto que não deve existir uma verdadeira inteligência da fé sem uma inteligência da realidade, porque de outra forma, em lugar de viver a fé, se vive apenas uma devoção sentimental estéril e fugaz”.

**Carrón:** Vocês veem? Se não prestamos conta com o real, primeiro o cansaço, agora a solidão, nos dá todos os fatores; bastaria simplesmente estarmos atentos àquilo que emerge, que emerge na experiência. Esta solidão, disse, é o sinal de “um juízo pobre”; é a nossa impotência. Sabem o que se faz depois? Como vocês tentar resolver isto? Pedindo ao movimento que venha dar cobertura, como se isso nos tornasse mais potentes como juízo. Se o juízo é pobre, mesmo se somos muitos, será pobre, pobre. Se



não é pobre, nunca estaremos sós porque é verdadeiro, e eu posso sustentar o meu eu no verdadeiro; mas tantas vezes, na medida em que o juízo é frágil, é débil, quando não somos capazes de nos manter sobre as nossas próprias pernas no real por uma inteligência da fé que leva a uma inteligência da realidade, pedimos ao movimento para resolver aquilo que não somos capazes de fazer, depois tentamos acertar as contas com o movimento porque não insiste o suficiente! Conheço a história. Mas isto não é outra coisa senão a confissão de nossa derrota, porque quando uma pessoa tem um juízo claro e pode viver daquilo, nunca está sozinho, e não depende do fato de que existam cinquenta mil pessoas ao seu redor para estar certo, mas desafia a todos com aquele juízo. Se não conseguimos gerar adultos assim, não pensamos que seremos capazes de dar uma contribuição, mas que, ainda que sejamos culturalmente nada, poderemos conseguir isso porque pensamos que é um problema de poder, e não um problema de uma inteligência da realidade. Isto me parece decisivo. Mas este exemplo do centro cultural serve para tudo: podemos dizer o mesmo dos políticos, dos que fazem uma obra, de qualquer um. Se, pelo contrário, tudo isto nos ajuda a fazer um caminho, não estaremos sozinhos porque o problema verdadeiro é vencer esta solidão; e se não vencemos esta solidão, seremos nós os primeiros a sermos vencidos pela solidão, e por isso a nossa contribuição será igual a zero. Ao invés, ele disse, pela sua experiência: “Acredito que não deve existir uma inteligência da fé sem inteligência da realidade”, ou seja, o sinal de que esta solidão foi vencida é que é um juízo mais adequado sobre o real, uma inteligência maior da realidade. E isto faz entrar no real de forma diferente.

Quando Giussani entrou no Berchet era o único que pensava assim, entendem? Não pode se proteger atrás da Igreja dizendo “no me ajudam”. Onde estava a sua potência? Naquilo que ele levava, na consciência da pertença que ele vivia ao mistério de Cristo, que Ihe consentia entrar no real com isto e o gerou. Se não somos assim, tentaremos esconder o vazio ou a falta de uma verdadeira proposta, de um verdadeiro desafio, com os números, mas os números são cada vez menos exatamente por causa dessa perda do desejo que até mesmo o CENSIS foi obrigado a mostrar. Então, este é o desafio: numa Itália, num mundo ocidental no qual a perda do desejo é o dado mais relevante do real, o que quer dizer fazer um centro cultural? Belo desafio! Se tomarem isso como a possibilidade para vocês de uma verificação da fé, da mesma forma como um professor deve se preocupar em como despertar o interesse de seus alunos, ou como alguém que trabalha deve se preocupar em como arrastar aqueles que trabalham com ele, se tomarmos isso como a possibilidade para nós de fazer um caminho, não nos cansaremos disto, porque faz parte do nosso caminho humano; se não virmos o que se relaciona com o nosso caminho humano, o cansaço vencerá – “Mas, quem vai me obrigar?” –, não terão nenhum interesse suficiente, em última instância, para fazê-lo. Temos nas circunstâncias na qual o Senhor nos coloca uma possibilidade de um caminho humano. Por isto, é tão decisiva a próxima Escola de Comunidade sobre *O Senso Religioso*.

**Intervenção:** Estou me dando conta de que não interessa tanto fazer coisas, mas viver. Com respeito ao centro cultural, é como se o problema corresse o risco de ser o de encaixar tudo num formato. Mas o

ponto não é tanto quem convidamos para falar ou qual o tema, que também é importante, mas que esta pergunta que eu carrego comigo graças ao trabalho que você nos está fazendo fazer se torne sempre mais aquele ponto que cava fundo na minha vida a ponto de me levar a afirmar aquilo que eu mais amo. Então, queria perguntar a vocês se é isto o que eu devo mirar ao invés de ficar olhando para a minha capacidade de organizar um formato mais adequado.

**Carrón:** Você deve mirar uma coisa: que aquilo que você faz se relacione com você, porque, de outra forma, no tempo, não vai mais interessar a você. O cansaço, a solidão são os sinais que aparecem antes que você jogue a toalha. Então, se aquilo que fazemos, de alguma maneira, não se relaciona conosco, cedo ou tarde, abandonaremos a coisa, porque seremos os primeiros a não suportar por muito tempo estar diante de algo que não nos interessa. E se, fazendo o centro cultural, a pessoa não o percebe como uma ocasião para si, para fazer um caminho, para uma verificação do próprio caminho humano, que o ajuda a manter vivo interesse, é inútil, e, em determinado momento, dirá: “Mas, por que devo fazer isso?”. Por isto, se a pessoa não vincula tudo o que faz – o centro cultural, a política, além da empresa, do trabalho – a este interesse último que une a vida, não consegue nem mesmo entender para que serve. Pelo contrário, se a pessoa entra no real a partir de um ponto, se a pessoa é fiel e se encontra com todas as dificuldades e as enfrenta uma depois da outra, cresce. Se a pessoa faz tudo e nunca está em lugar algum, sempre sobrevoando tudo, nunca entenderá nada de nada. Cada um deve julgar o que é capaz de fazer, mas naquilo que fizer deve se colocar inteiro, sob o risco de aquilo se tornar o seu túmulo.

**Bona Castellotti:** Obrigado. Aquilo que mais me marcou é esta relação entre quatro palavras. Duas são bastante próximas: e medida estreita e a prisão feita de preconceitos. A terceira é a ideologia, porque a ideologia gera e é gerada, por sua vez, dessas duas primeiras feras que precederam a palavra ideologia. A quarta (que é a mais terrível de todas e que é a categoria na qual me encontro) é a idolatria. São verdadeiramente inimigas da inteligência, ou melhor, da inteligência da fé.